

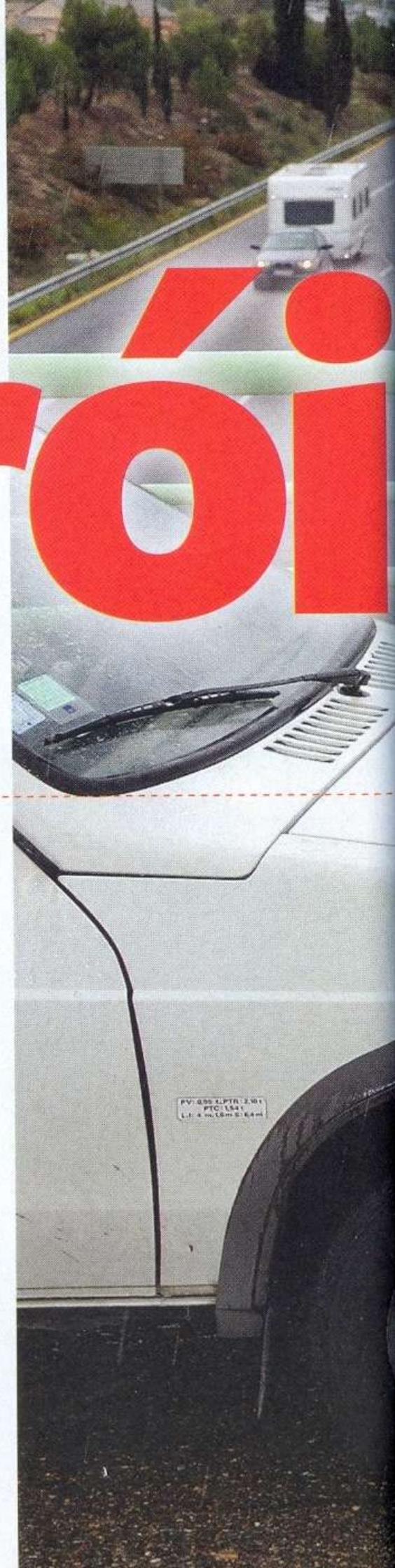
Herói

da estrada

Aquela van desgovernada precisava ser detida. **E só havia um modo de evitar o desastre**

POR LISA FITTERMAN

Mohamed Karabila em um viaduto sobre a autoestrada A7, perto de onde ocorreu o incidente.





Paul

Carosio dá um beijo na mulher.

- *Au revoir, mon amour* - diz para Martine, acariciando seu rosto com o bigode grisalho. - Volto lá pelas três, três e meia, dependendo do trânsito.

Uma espiada pela janela do pequeno apartamento na zona norte de Marselha revela um céu claro, sem qualquer previsão de chuva - bom sinal para o entregador prestes a enfrentar autoestradas congestionadas. Aos 59 anos, Carosio vive há 29 com uma válvula aórtica mecânica. Sua mulher, Martine, preocupada por ele dirigir nessas condições, implora ao marido que não coma demais e leve uma vida mais saudável. Mas Carosio adora comer e sente prazer na rotina diária dirigindo pelas ruas de Marselha em sua *van* de entregas, uma Renault Trafic branca.

Ao cruzar a porta, é recebido pelo barulho da explosão do escapamento de caminhões, pelos gritos de vendedores e pelo guincho dos freios dos ônibus. As ruas movimentadas da cidade são o seu mundo: familiares, rotineiras, reconfortantes.

- Até logo, querido - grita Martine.
- Dirija com cuidado!

Hora do rush, 1º de junho de 2010

Mohamed Karabila, um operário da construção civil, se mistura ao flu-

xo de carros, *vans* e caminhões que percorrem a autoestrada A7 rumo a Marselha, todos ultrapassando o limite de velocidade de 130 km/h. Rastros azuis, amarelos, pretos, brancos e prateados passam como dardos pelas três pistas. O som ambiente é preenchido pelo ronco de motores a *diesel*, gritos de sirenes e toques de buzinas.

Alto, de ombros largos, cabeça raspada e semblante compenetrado, Karabila está tenso mas alerta ao volante do Renault Mégane cinza. Já cumpriu um turno de seis horas e agora, às três da tarde, corre para o aeroporto de Marselha, a fim de pegar o irmão mais velho que está vindo do Marrocos. Karabila ainda tem de percorrer trinta quilômetros, e a *van* de entregas branca que se arrasta à sua frente, a 100 km/h, não está ajudando. "Vamos lá", murmura. "Ande!"

De repente, Karabila tem um sobressalto. *Será que estou vendo coisas?*, pergunta a si mesmo. A *van* dá uma guinada para o lado e bate na mureta na lateral direita da estrada. Os outros veículos passam voando pela esquerda, sem perceber a movimentação errática da *van*.

Talvez o motorista tenha dormido, pensa Karabila. Talvez esteja bêbado ou passando mal.

A van ziguezagueia e bate de novo na mureta.

Karabila troca de pista, põe-se ao lado do outro veículo e olha pela janela. O motorista está curvado no banco, inconsciente ou morto.

As mãos de Karabila agarram o volante com tanta força que os nós dos dedos empalidecem. *A van não está desacelerando. Esse cara deve estar pisando no pedal. Vai se matar e levar outros com ele. Tenho de fazer algo.*

Karabila pega o celular e tecla o número dos serviços de emergência.

De repente, com o canto do olho, ele vê o brilho de um farol quando um BMW emparelha com a van desgovernada.

Enquanto diz ao atendente onde está, percebe que a ajuda não chegará a tempo. Cabe a ele fazer algo. Uma ideia, como a sequência de um filme de ação, passa pela sua cabeça: *Fique na frente da van, use seu carro para detê-la.* Mas Karabila não é dublê de filmes. É um operário de 29 anos que assenta tijolos para viver. Ele avalia o perigo, a loucura do que está planejando. Pensa na jovem mulher, nos pais, nos irmãos, na pequena sobrinha que espera por ele em casa, na comuna francesa de Cabannes. “Morto ou vivo, a única possibilidade de impedir

um acidente maior é parar a van agora”, murmura consigo mesmo.

Karabila respira fundo e põe seu pequeno Renault na frente da van desgovernada. Ele tem consciência de que o primeiro impacto poderá ser catastrófico. Carros a 100 km/h costumam levar uns 15 segundos e 200 metros para cessar completamente o movimento. Karabila precisa parar não só o próprio carro mas também uma van acelerada, meia tonelada mais pesada do que seu veículo. Uma frenagem controlada provavelmente

está fora de questão. Se pisar muito fundo nos freios, a van se chocará com ele, fazendo com que os dois veículos se virem e invadam a autoestrada no meio do tráfego intenso.

Com o maior cuidado, Karabila tenta pôr o carro na mesma velocidade da van, que se

aproxima. Esta chega cada vez mais perto. Ele bombeia o freio, reduzindo a velocidade em apenas 10 km/h. Então, *pou!* O Renault dele dá um pinote e cambaleia, enquanto Karabila resiste ao impulso de fechar os olhos. *Vou morrer,* pensa.

Para os sentidos superaguçados de Karabila, parece que os carros em alta velocidade, e o próprio tempo, estão em câmera lenta. Apesar do medo, ele pisa no freio de novo. Bombeia-o duas vezes. A van bate novamente no para-choque traseiro de seu carro. *Tum! Bam!*

Karabila continua a pisar regular e cautelosamente no freio. De repente, com o canto do olho, ele vê o brilho de um farol um pouco atrás, à esquerda. Um BMW X1 se posiciona ao lado da *van*, impedindo que esta invada a outra pista, onde motoristas desavisados seguem em alta velocidade.

Bruno Caranta, 38 anos, é especialista em segurança automotiva. Franzino, com pinta de intelectual, ele volta para o escritório depois de uma reunião de negócios. Acabara de entrar na A7, atrás de Karabila, quando viu a *van* bater na mureta e perder o controle. Ao perceber o que Karabila tentava fazer, decidiu ajudar, espontaneamente.

Apesar da experiência profissional e de saber o que poderia dar errado, ele emparelha o BMW com o veículo desgovernado, pela esquerda, para não deixar que passe para a outra faixa. As-

Um bombeiro voluntário se ajoelha ao lado de Carosio e tenta ver se há pulsação. Não há.

sim como Karabila, Caranta mantém os olhos fixos na estrada. Os dois não se comunicam por gestos nem piscam os faróis. É como se soubessem o que o outro está pensando e qual a melhor

1 A *van* branca de Carosio bate na mureta a cerca de 100 km/h

2 Karabila emparelha com a *van* e vê que Carosio está curvado no banco – inconsciente ou morto

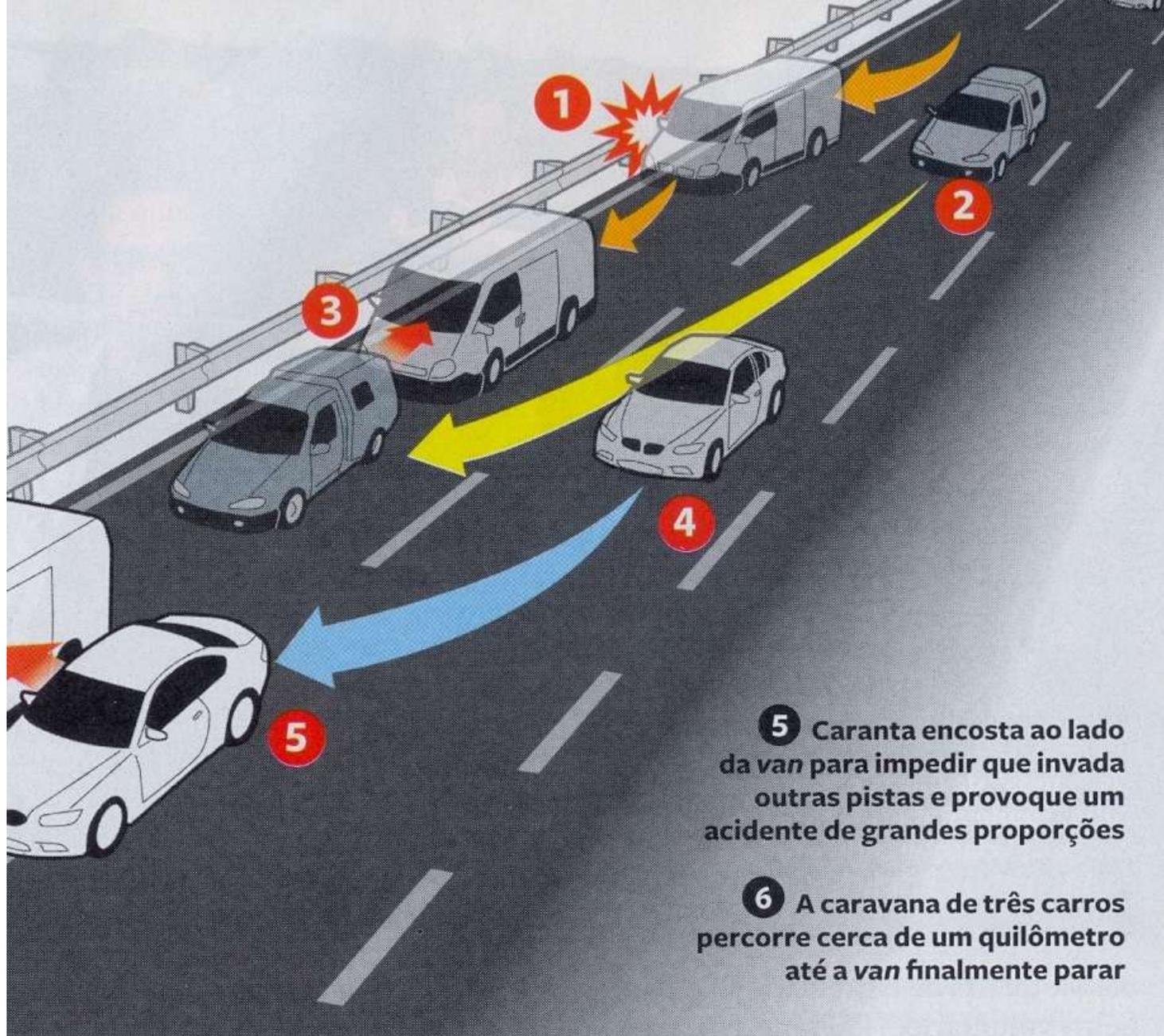
3 Karabila passa à frente do veículo desgovernado e começa a bombear o freio na tentativa de fazê-lo parar

4 Caranta, que vinha pela pista central, vê o que está acontecendo e decide ajudar, espontaneamente



maneira de fazer a *van* parar. Parecem estar no que seria a versão mortal de um brinquedo de carrinho bate-bate, mas agem por instinto, sem regras ou instruções.

A *van* muda de direção, rumo à lateral direita do BMW, mas Caranta ignora o perigo e mantém o curso firme e alinhado a ela. A improvável caravana de três veículos guincha e segue aos solavancos pela autoestrada. Os segundos voam. Os carros os ultrapassam a toda, sem perceber a luta que travam.



5 Caranta encosta ao lado da van para impedir que invada outras pistas e provoque um acidente de grandes proporções

6 A caravana de três carros percorre cerca de um quilômetro até a van finalmente parar

Cem metros, duzentos. A van continua se chocando com eles, mas Karabila e Caranta permanecem firmes a seu lado. Quinhentos metros. Aos poucos, a van começa a desacelerar.

A operação radical dura apenas 120 segundos e pouco mais de um quilômetro, mas, para os dois homens nos veículos de resgate, parece uma eternidade, uma distância infinita.

Por fim, a van bate pela última vez no carro de Karabila. Ele para e inspira profundamente. Parecia que tinha ficado sem respirar desde o início. Fecha os olhos, assustado e espantado com o que acabara de fazer.

Younes Rafiki está ao celular, falando com a mulher, grávida de gêmeos, quando vê uma cena esquisitíssima: três carros, que aparentemente bateram entre si, param no canto da autoestrada. O jovem entregador logo percebe o que está acontecendo.

“Tenho de desligar”, diz à mulher, interrompendo a chamada. Em seguida, para sua van o mais perto possível da traseira da de Carosio e corre para tirá-lo do veículo. Carosio está mole e sem cor.

“Deixem-me passar!”, grita uma voz. Christian Cobo, homem alto e robusto, também parou ao ver a ce-



Os “anjos” de Carosio: Christian Cobo, Younes Rafiki, Jean-Louis Ros (o policial que esteve na cena do incidente) e Bruno Caranta.

na. Motorista de carreta, Cobo é bombeiro voluntário. Na França, todos os bombeiros recebem treinamento de primeiros socorros. Ele se ajoelha ao lado do homem sem vida e tenta ver se há pulsação. Não há.

Na mesma hora, Cobo começa a massagem cardíaca. Comprime, solta, comprime, solta. O ritmo é estranhamente parecido com o que Karabila utilizou: o ritmo que parou a *van* era agora usado para “dar partida” em um coração.

Cobo mantém o ritmo. Cinco minutos. O homem sob suas mãos ainda está inerte. Dez minutos. Cobo começa a sentir cansaço nas mãos e nos braços, mas mantém o ritmo forte e regular. *Por quanto tempo será que ele*

ficou inconsciente antes de eu chegar?, é o que se pergunta. Sabe que 20 minutos sem oxigênio causam lesões cerebrais irreversíveis ou morte certa. De repente, ele sente um batimento cardíaco. Depois outro. Um pulso irregular.

Cobo continua a massagem até ouvir uma sirene. Uma equipe de paramédicos chega, põe Carosio na ambulância e segue depressa para o Hospital Nord, em Marselha.

Durante cinco dias, Carosio oscila entre a vida e a morte. No quinto dia, abre os olhos e se vê num quarto de hospital, com Martine e a família ao lado do leito. Não faz ideia do que lhe aconteceu. Não se lembra de ter tido

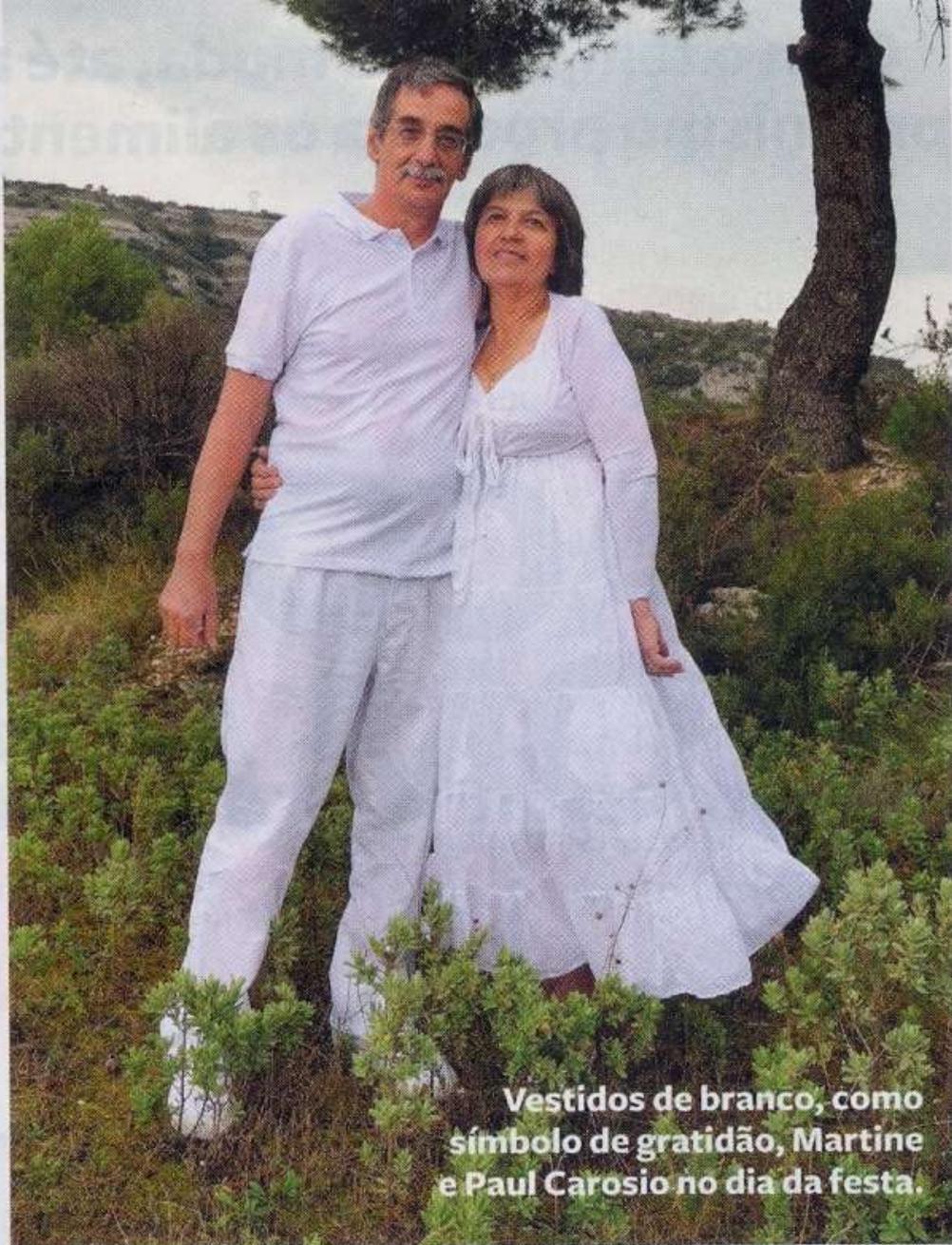
um infarto. Não recorda os dois minutos de terror na autoestrada.

Os médicos encontraram um coágulo numa artéria sob o braço esquerdo e a desobstruíram. Depois, fizeram uma cirurgia para instalar um desfibrilador, que regula o coração como um marca-passo, mas também lhe dá um choque interno caso comece a bater depressa demais.

“Foi por milagre que você sobreviveu”, diz Martine. “E, de agora em diante, vai ter de me escutar!” Em seguida, ela lhe conta a história dos quatro desconhecidos que depararam com ele na estrada.

Em fins de junho, Carosio recebe alta, e passa a levar uma vida normal. A família é imensamente grata aos seus salvadores e inicia uma campanha para homenageá-los com medalhas de bravura.

Num domingo de chuva, quatro meses após o incidente na A7, Carosio, Martine e sua família – os filhos Magali, Frédéric e Emmanuel, as noras Aurore e Ludmilla, e as netas Melyssa e Maheva – entram em uma sala de reunião na sede da polícia em Salon-de-Provence, no sul da França. Estão todos vestidos de branco, como sím-



Vestidos de branco, como símbolo de gratidão, Martine e Paul Carosio no dia da festa.

bolo de amor e gratidão. A família traz biscoitos, doces e surpresas para as crianças, flores e um bolo com quatro corações confeitados que exibem o nome dos quatro heróis: Karabila, Caranta, Rafiki e Cobo.

Há muitos abraços e fotografias. Mas, no decorrer da festa, Carosio é vencido pela emoção. Vai para um canto e, em silêncio, observa a cena da família rindo e conversando com os samaritanos que foram em seu socorro. Os olhos se enchem de lágrimas. “Esses homens”, diz ele, apontando para o outro lado da sala, “são como anjos.”